



Chávez: Elógio do Demo

RAMIRO VIDAL ALVARINHO :: 06/03/2013

Ontem iam para a cama aquí na Europa com a notícia amarga da morte do Comandante Hugo Chávez Frias. O Comandante em chefe da Revolução era um dos personagens mais odiados polo imperialismo, provavelmente em dura competência com o Fidel Castro ou com o Yaser Arafat. Era criticado e duramente escarnecido todos os dias polo establishment mediático do “mundo livre”, às vezes com lógicas mais aló da razão, simplesmente instintivas. A manipulação dos atos, das palavras, das vontades e das intenções era permanente e em todas as chaves e registos. Cada vez que o Hugo Chávez era notícia por alguma cousa, quer umha intervenção nalgum foro internacional, quer alguma decisão governamental, era atacado em espaços informativos, tertúlias, programas de humor...

A realidade de Hugo Chávez Frias é bastante diferente da que nos querem fazer ver. O seu uniforme militar recordava, nestas latitudes, a época nom demasiado pretérita nas que um general pequeninho e com mal génio dirigiu os destinos do estado espanhol. O paralelismo (falso) é demasiado fácil de estabelecer num contexto no que a imagem dos militares metidos na cousa pública nom costuma ser bom sinal. A questão é que nem o Hugo Chávez do levantamento militar de 92 nem o Hugo Chávez que ganhou as eleições de 98 seriam possíveis sem um movimento popular que o respaldasse. A diferença fundamental entre o General Francisco Franco e o Comandante Hugo Chávez, é que no primeiro caso a ascensão de Franco é mediante umha sublevação militar contra o povo e na defesa dos privilégios de classe de umha oligarquia que se divorciava da II República, partidária já de soluções de mão de ferro ante um estado claramente avançado da luta de classes. O Comandante Hugo Chávez lidera um movimento de derrubamento do regime anterior, regime dirigido por umha burguesia vendida ao imperialismo yanque, sanguinária e corrupta.

O fracasso do levantamento dos militares bolivarianos é seguida de um acontecimento que põe início ao atual regime político na Venezuela; a vitória eleitoral de 98. Aquí fago minhas as palavras do Eduardo Galeano (quem dijo que a retranca era um traço exclusivamente galego?) num encontro que tivo no meu concelho, Oleiros, com os seus leitores e admiradores: dizia o genial escritor uruguaio que com efeito o Hugo Chávez era um ditador, mas um ditador muito curioso, porque continuamente ganhava eleições, referendos de reforma constitucional e mesmo referendos revogatórios promovidos pola própria oposição. Assumo essas palavras, e ponho sobre o tapete a evidência das duas varas de medir: a que se usa com o Chávez, e a que se usa com o resto do mundo. O chefe do estado espanhol, já agora militar também, nom ganhou eleição nengumha, como muito ganhou dous referendos: o que atou o seu papel sucessor de Franco e o da Constituição Espanhola, claro que este segundo nom o revogava como chefe de estado se o perder: ele ia no pacote de todas a todas; se a constituição ficava refrendada ele seria chefe de estado em virtude da nova lei e se nom, continuaria-o sendo em virtude do seu juramento de fidelidade aos princípios do Movimento Nacional, assim que nem ponto de comparação.

Hugo Chávez era umha estridência estética, ideológica e política entre a constelação de mandatários mundiais. A camisa vermelha ou o uniforme militar destacavam de mais entre os fatos elegantes dos demais dirigentes. Mas nom era o único que rompia a monocordância mortecina entre os líderes. Também o faziam o seu verbo sincero, visceral, descarnado, pedagógico, rigoroso. E como amolava entre a tecnocracia fascistoide que, no meio de um debate sobre qualquer tema económico ele citasse a Marx ou a Jesus Cristo, ou ao Simón Bolívar! Isso era o que de verdade amolava, e nom os tics pessoalistas que sempre se lhe botárom em cara. Porque de qualquer maneira, em quê regime presidencialista nom há traços “caudilhistas”?

Eu gosto de Hugo Chávez na medida em que ele foi revolução bolivariana, e nom se explica ele como fenómeno social e mediático, nem muito menos como líder político e vulto de estado sem o movimento e a revolução bolivariana. Porque ele é nacionalização dos recursos naturais, porque ele é universalização da educação e a sanidade, porque ele é descentralização da gestão local e desenvolvimento comunitário, porque nem Hugo Chávez era possível sem a revolução, nem é possível já concevir a revolução sem Hugo Chávez.

Mas o mais importante é que eu gosto de Hugo Chávez na medida em que ele estivo aí por vontade popular e contra a vontade do imperialismo e os seus esbirros. Muito mais importante do que a pessoa de Hugo Chávez é o que expressa o facto de que o povo numha maioria muito abrumadora depositasse a confiança no seu projeto. Este facto expressa que o povo venezuelano nom quer desviar-se da senda da libertação. Sorte nessa travessia a todo o povo trabalhador venezuelano.

<http://primeiralinha.org>

https://www.lahaine.org/mm_ss_mundo.php/chavez-elogia-do-demo